

ROBERTO JENKINS DE LEMOS

Ilustrações

MARCELO MARTINS

A Mochila



2ª edição

Conforme a nova ortografia

Editor: ROGÉRIO GASTALDO

Assistente editorial: ELAINE CRISTINA DEL NERO

Secretária editorial: ROSILAINE REIS DA SILVA

Suplemento de trabalho: MÁRCIA GARCIA

Coordenação de revisão: LÍVIA MARIA GIORGIO

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Projeto gráfico: ANTONIO ROBERTO BRESSAN

Diagramação: ANGELICE MARIA TAIQUE MOREIRA

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lemos, Roberto Jenkins de

A mochila / Roberto Jenkins de Lemos ; ilustrações Marcelo Martins. — São Paulo : Saraiva, 2003. — (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-04063-2

1. Literatura infantojuvenil I. Martins, Marcelo. II. Título. III. Série.

02-5010

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

9ª tiragem, 2017



SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.editorasaraiva.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados à Editora Saraiva

CL: 810176
CAE: 603321

Aos meus filhos, Gi e Beto, pelo colo
que não lhes dei quando podia carregá-los.

Sumário

Prólogo

Quem acha que avião é perigoso
devia saber que aeroporto é muito mais 7

1

Um trambolhão capaz de criar uma nova
confusão 13

2

Mas que mochila é essa? 21

3

Voltando ao aeroporto por absoluta
necessidade 30

4

Às vezes é muito arriscado ganhar
“uns trocados” 43

5

Estava no limite,
precisando urgentemente de ajuda 57

6

A experiência começa a iluminar o cenário 74

7

Chega a hora, a dura “hora da verdade” 88

Epílogo

Um pequeno grande lucro e mais
um susto para encerrar 119

Prólogo

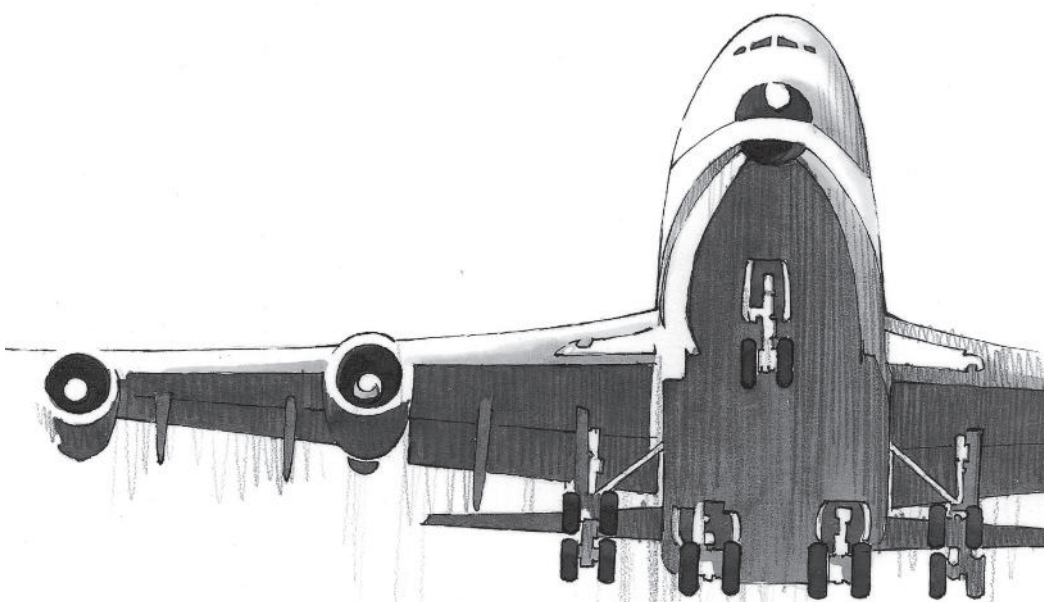
Quem acha que avião é perigoso
devia saber que aeroporto é
muito mais

Recostado na sua mochila, bem próximo da cerca, mas do lado de fora, concentrado na decolagem majestosa de um Jumbo, Tomás se deu conta da aproximação de um jipe quando não dava mais para sair dali — a viatura avançava de-va-ga-ri-nho e na sua direção!

Seu coração disparou, pois só contava com o lusco-fusco das 18:30h, sol já posto, além daquele capinzinho ralo rente à cerca, no qual mergulhou com vontade, olhos fixos no vulto negro recortado contra as luzes do aeroporto, crescendo lentamente.

Faróis e lanternas apagados, “o bicho” parou bem diante dele, permitindo-lhe ver a silhueta de dois ocupantes, parando paralelo à cerca, coisa de 20m à sua direita.

Na Pista Sul, um jato pousava naquele exato instante, com aquele barulhão das turbinas anunciando que, mais uma vez, haviam cumprido seu dever — porém Tomás não desgrudava os olhos de seus novos vizinhos, ambos também atraídos pela chegada daquela máquina gigantesca, com o toque das rodas no piso denunciando, pelos guinchos estridentes e curtos, o contato dos pneus com o concreto, além do longo assovio da violenta desaceleração dos seus motores.



Ele nunca entendera bem o velho dito popular “um olho na missa e outro no padre” e o máximo que conseguiu fazer naquele momento foi olhar para os intrusos e firmar os ouvidos para o lado das pistas.

Notou então que mais uma pessoa saía do banco traseiro, perfazendo três “visitantes”.

— Vamos ver o que pescamos desta vez — anunciou em

voz baixa
uma das
figuras.

— Pare com isso,

Macaco! O Zelão não demora, mané! Tem tempo pra tudo, cara.

O terceiro vulto foi para a parte traseira do que lhe pareceu uma carreta de bagagem — eram ladrões de carga! — e em sua mão apareceu um feixe de luz amarelada, que iluminou o que Tomás não teve como ver.

Depois disso, veio até a cerca, abriu uma passagem na tela, voltando logo; aí teve início o transporte dos volumes para o lado de fora.

A “operação transferência” levou de 10 a 15 minutos e nosso observador ocasional bem que pensou em sair dali, rastejando como minhoca — ocorria, porém, que sempre havia um dos homens vindo em sua direção, que, com toda certeza, perceberia qualquer movimento que fizesse.

Dava tratos à bola quando percebeu o motor rouco de uma Kombi vindo da estradinha que acompanhava a cerca,

parando junto aos volumes, cobrindo a passagem na cerca; o motor continuou ligado — Tomás estava a uns 15m adiante, praticamente costurado ao chão.

— Vamos carregar logo! — era a voz do recém-chegado dando as ordens.

Em silêncio, tudo foi colocado na Kombi.

— Macaco, vamos fechar a “porteira”. Depois que sairmos guarde o jipe.

— Tá legal. A gente se vê amanhã.

Tomás nem poderia imaginar o que aconteceria em seguida; naquele momento, só percebeu Macaco em pé, assistindo ao trabalho dos outros, encobertos pela viatura... Deveria ter saído dali, então, mas preferiu aguardar a viatura retirar-se.

Restabelecida a cerca, passagem fechada, a Kombi seguiu devagar, apagada como chegara; passou por ele, mas os seus ocupantes não o viram, concentrados em olhar para a estradinha à frente.

Macaco esperou um pouco e depois entrou no jipe, ligando o motor.

E aí ocorreu o desastre: saiu do lado da cerca com uma curva aberta e aprumou... na direção de Tomás.

O rapaz experimentou um arrepio que lhe foi da cabeça aos pés. Seria descoberto se não saísse dali e, se saísse, o tal Macaco o veria, ora se não!

Para se safar, teria que agir quando o jipe estivesse quase em cima dele. Decisão tomada, ajeitou-se para sair correndo. Levantou-se e saiu “voando baixo”.

Macaco freou de susto, pudera, só viu um vulto correndo rente à cerca.

— Epa! Quem táí?

Com a vantagem da surpresa, Tomás corria desembeitado pela estradinha.

Era sua melhor chance, pois, fosse lá quem fosse, seu perseguidor ainda teria que abrir a tela, um ponto a favor de Tomás, que rezava, enquanto voava.

Macaco acendeu os faróis do jipe e viu Tomás correndo pela estradinha na direção contrária à da Kombi. Macaco foi atrás.

Tomás corria olhando para a frente e como não ouviu o motor do jipe concluiu que o cara devia estar vindo em sua perseguição.

Lá na frente via algumas viaturas, gente trabalhando na instalação de postes naquela estradinha, que era usada pelos moradores locais; Tomás se escondeu na terceira viatura.

Viu Macaco se aproximando, um farol foi aceso e ele pôde ver a fisionomia do homem. Macaco disfarçava bem, perguntando se não passara por ali um baixinho com uma mochila, que havia invadido a cerca e saído correndo pela estradinha.

No entanto, nenhuma daquelas pessoas vira nada e já estava na hora de irem embora.

Macaco ficou na estrada. Tomás surpreendeu-se ao reconhecer o uniforme que o homem usava: era da Segurança do aeroporto. A seguir, o comboio partiu e Tomás teve que ir junto, o que fazer!?

Viu quando entraram pelo portão, sabia que era proibido ingressar naquela área — mas e o medo!?

Aproximaram-se da garagem dos ônibus do aeroporto — às vezes os *fingers* (as passarelas por onde os passageiros embarcam ou desembarcam dos aviões) estavam todos ocupados por aeronaves e o avião que chegasse ou fosse decolar era obrigado a parar bem distante do terminal, tornando necessário o uso de ônibus para trazer e levar passageiros.

Os caminhões pararam ao lado da garagem.

Tomás tinha que sair dali. Esperou que o pessoal fosse embora e, quando o silêncio se fez total, saiu da viatura.

Só lhe restava um caminho: esconder-se num ônibus e sair pelo aeroporto, misturado aos passageiros...

Correu sem fazer barulho, entrou debaixo de uma Kombi e desabou, quase morto, sem forças até para respirar.

Nem saberia dizer quanto tempo levou para sua respiração voltar ao normal, mas, ainda que seu coração continuasse como um tambor enlouquecido, a primeira coisa na qual pensou foi que, desde que iniciara sua fuga desesperada, não ouvira nem gritos nem os passos do seu perseguidor e muito menos o barulho dos aviões — o pânico é assim mesmo, bloqueia nossos sentidos —, só a imagem de Macaco na estradinha não lhe saía da mente.

Mexeu-se com cuidado, olhando para todas as direções, e só viu o piso áspero da garagem por entre as rodas de um punhado de viaturas.

Refletiu que não poderia ficar ali indefinidamente, mas tentar sair continuava sendo um tremendo risco. Não sabia de quem estava fugindo, exceto que se tratava de ladrão de bagagem, gente não muito dada a gentilezas e usando uniforme da Segurança!

1

Um trambolhão capaz de criar uma nova confusão

Tomás gostava de ir ver os aviões subindo e descendo, distração que se permitia depois das aulas, à tardinha. O curioso é que ele trabalhava na equipe de Manutenção do aeroporto pela manhã. Sua tarefa era a limpeza das vidraças. Por isso sabia que não podia passar da cerca, que o descampado que cercava as pistas era, segundo as regras, área de trânsito proibido.

Morava com a tia numa favela próxima do aeroporto, o Morro do Turista, e sua história era comum, como a da maioria das pessoas: era o caçula de quatro irmãos, perdera a mãe ainda pequeno e seu pai era boia-fria na lavoura; vida pobre,